

24/5/1985

Família pára de cortar cana e come menos

SERTÃOZINHO, SP — O pai, José Pedra dos Santos, de 50 anos, desde os nove na lavoura, e a mãe, dona Maria Aparecida Brás dos Santos, de 44 anos e que faz força com o podão há quase 20 anos nos canaviais, há quatro dias deixaram de acordar às 4 horas da manhã para ir ao trabalho. Juntamente com o filho mais velho, Pedro Cícero, de 20 anos, também cortador de cana, eles decidiram apoiar a greve. Acham que se não houver aumento e se não conseguirem o pagamento por metro de cana cortada, a vida ficará mais difícil.

Trabalham os três para a Usina Santa Elisa, de Sertãozinho; miaram mima casa simples na Vila Industrial, Bairro São João, e só estão se agüentando porque os outros três filhos da família "felizmente têm outras ocupações: um é marceneiro, outro vidraceiro e o terceiro trabalha numa companhia de ônibus".

O pai e a mãe ganhavam na última safra de Cr\$ 600 a Cr\$800 mil por mês e agora, com o aumento proposto pelos usineiros, acham que podem ganhar até Cr\$ 1,2 milhão. Mesmo assim, Dona Maria Aparecida sabe que só vai poder garantir nas madrugadas arroz e feijão. O duro é a mistura:

— A gente vai se enganando com uma misturinha e outra, colocando um dia batata frita, no outro ovo. Carne é muito raro, se queixa José Pedro, que acha a vida do bóia fria "muito instável". Sua mulher confirma:

— Às vezes a gente anda o dia inteiro na roça e não ganha Cr\$ 16 mil. Se chega a ganhar Cr\$ 40 mil, acaba ficando outros dias sem trabalhar — lembra ela amargamente. Apesar de tudo, eles se consideram privilegiados:

— Apesar de tudo, eles se consideram privilegiados: a casa em que moram é própria em um terreno comprado há muitos anos, quando o pai morava num sítio e vendia peixe e frango na cidade.

(Página 3)